



A Santa Sé

JUBILEU DOS TRABALHADORES NA ESPLANADA DE "TOR VERGATA" (ROMA)

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

1º de Maio de 2000

1. *"Abençoai, ó Senhor, a obra das nossas mãos" (Salmo responsorial).*

Estas palavras, que repetimos no salmo responsorial, exprimem bem o sentido da hodierna jornada jubilar. Do vasto e multiforme mundo do trabalho eleva-se hoje, primeiro dia de Maio, uma invocação coral: Senhor, abençoai e consolidai a obra das nossas mãos!

O nosso cansaço nas casas, nos campos, nas indústrias, nos escritórios poderia resultar uma inquietação extenuante, em última análise desprovida de sentido (cf. *Co* 1, 3). Pedimos ao Senhor que este [afã] seja, ao contrário, a realização do seu desígnio, de tal forma que o nosso trabalho recupere o seu significado original.

E qual é o significado original do trabalho? Escutamo-lo na primeira Leitura, tirada do Livro do *Génesis*. Ao homem criado à Sua imagem e semelhança, Deus disse: "Enchei e submetei a terra..." (1, 28). A estas expressões faz eco o Apóstolo Paulo, que assim escreve aos cristãos de Tessalónica: "Quando estávamos entre vós, demos esta norma: quem não quer trabalhar, também não coma", e exorta a "comer o próprio pão, trabalhando em paz" (2 *Ts* 3, 10.12).

Por conseguinte, no projecto de Deus o trabalho aparece como um direito-dever. Necessário para tornar úteis os bens da terra na vida de cada homem e da sociedade, este contribui para orientar a actividade humana rumo a Deus, no cumprimento do seu mandato de "submeter a terra". A este propósito, também esta exortação do Apóstolo ressoa no nosso espírito: "Portanto, quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus" (1 *Cor* 10, 31).

2. Enquanto orienta o nosso olhar para o mistério da Encarnação, o Ano jubilar convida-nos a

reflectir com especial intensidade sobre a vida escondida de Jesus de Nazaré. Foi ali que Ele passou a maior parte da sua existência terrena. Com a sua operosidade silenciosa na oficina de José, Jesus ofereceu a mais elevada demonstração da dignidade do trabalho. O Evangelho hodierno narra que os habitantes de Nazaré, seus conterrâneos, O receberam com admiração, perguntando-se uns aos outros: "De onde [Ihe] vêm esta sabedoria e estes milagres? Este homem não é o filho do carpinteiro?" (*Mt* 13, 54-55).

O Filho de Deus não desdenhou a qualificação de carpinteiro e não quis eximir-se da normal condição de cada homem. "A eloquência da vida de Cristo é inequívoca: Ele pertence ao "mundo do trabalho" e tem apreço e respeito pelo trabalho humano; pode-se dizer mais: Ele encara com amor este trabalho, bem como as suas diversas expressões, vendo em cada uma delas uma linha particular da semelhança do homem com Deus, Criador e Pai" (*Laborem exercens*, 26).

Do Evangelho de Cristo provém o ensinamento dos Apóstolos e da Igreja; daí deriva uma verdadeira e própria espiritualidade cristã do trabalho, que encontrou uma sua expressão eminente na Constituição *Gaudium et spes*, do Concílio Ecuménico Vaticano II (cf. nn. 33-39 e 63-72).

Após séculos de fortes tensões sociais e ideológicas o mundo contemporâneo, cada vez mais interdependente, tem necessidade deste "evangelho do trabalho", a fim de que a actividade humana possa promover o autêntico desenvolvimento das pessoas e da inteira humanidade.

3. Caríssimos Irmãos e Irmãs, que vos diz o Jubileu, a vós que hoje representais o inteiro mundo do trabalho, congregado para a celebração jubilar? Que diz o Jubileu à sociedade que no trabalho encontra, mais do que uma estrutura básica, um terreno de consolidação das próprias opções de valor e de civilização?

Desde as suas origens hebraicas, o Jubileu diz respeito directamente ao trabalho, uma vez que o Povo de Deus é feito de homens livres, os quais o Senhor resgatara da condição de escravos (cf. *Lv* cap. 25). No mistério pascal, Cristo completa também esta instituição da antiga lei, conferindo-lhe o pleno sentido espiritual, mas integrando o seu valor social no grande desígnio do Reino que, como "fermento", faz crescer toda a sociedade na linha do progresso autêntico.

Portanto, o Ano jubilar suscita uma redescoberta do sentido e do valor do trabalho. Depois, convida a encarar os desequilíbrios económicos e sociais existentes no mundo do trabalho, restabelecendo a justa hierarquia dos valores, atribuindo o primeiro lugar à dignidade do homem e da mulher que trabalham, à sua liberdade, responsabilidade e participação. Além disso, impele a resolver as situações de injustiça, salvaguardando as culturas próprias de cada povo e os vários modelos de desenvolvimento.

Neste momento, não posso deixar de expressar a minha solidariedade a todos aqueles que sofrem devido à falta de emprego, a um salário insuficiente e à carência dos meios materiais. Estão vivamente presentes no meu espírito as populações obrigadas a uma pobreza que ofende a sua dignidade, impedindo-lhes compartilhar os bens da terra e forçando-as a alimentarem-se com o que cai da mesa dos ricos (cf. *Incarnationis mysterium*, 12). Comprometer-se na resolução destas situações é obra de justiça e de paz.

As novas realidades, que acometem com vigor o processo produtivo como a globalização das finanças, da economia, do comércio e do trabalho, jamais devem violar a dignidade e a centralidade da pessoa humana, nem a liberdade e a democracia dos povos. A solidariedade, a participação e a possibilidade de governar estas mudanças radicais constituem, se não a solução, sem dúvida a necessária garantia ética para que as pessoas e os povos não se tornem instrumentos mas protagonistas do seu futuro. Tudo isto pode ser realizado e, dado que é possível, se torna imperioso.

O Pontifício Conselho "Justiça e Paz", que acompanha de perto o desenrolar-se da situação económica e social no mundo em vista de estudar as suas consequências sobre o ser humano, está a reflectir sobre estes temas. O fruto desta reflexão será o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, actualmente em fase de elaboração.

5. Estimados trabalhadores, o nosso encontro é iluminado pela figura de São José de Nazaré, pela sua estatura espiritual e moral que é tanto mais elevada quando mais é humilde e discreta. Nele realiza-se a promessa do Salmo: *"Feliz quem teme a Javé e anda nos Seus caminhos! Comerás do trabalho das tuas mãos, tranquilo e feliz... esta é a bênção para o homem que teme a Javé!"* (128 [127], 1-2.4). O Guardião do Redentor ensinou a Jesus a profissão de carpinteiro, mas deu-lhe sobretudo um validíssimo exemplo daquilo a que a Escritura chama "temor de Deus", princípio mesmo da sabedoria, que consiste na submissão religiosa a Ele e no desejo íntimo de buscar e cumprir sempre a Sua vontade. Caríssimos, esta é a autêntica nascente da bênção para cada homem, família e nação.

A São José, trabalhador e homem justo, e à sua santíssima Esposa, Maria, confio este vosso Jubileu, todos vós e as vossas famílias.

"Abençoai, ó Senhor, a obra das nossas mãos".

Senhor dos séculos e dos milénios, abençoai o trabalho diário com que o homem e a mulher buscam o pão para si mesmos e para os seus entes queridos. Nas vossas mãos paternais depositamos também os afãs e os sacrifícios ligados ao trabalho, em união com o vosso Filho Jesus Cristo, que resgatou o trabalho humano do jugo do pecado e o restituiu à sua dignidade originária.

A Vós sejam dados louvor e glória, hoje e sempre. Amém!

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana